PIBID E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: ARTICULAÇÕES ENTRE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E AFROREFERENCIALIDADE

Roseleide Dantas Andrade[1]; Cecilia de Holanda Martins Acselrad[2]; Venythyais Costa de Oliveira[3]; Tânia Serra Azul Machado Bezerra[4]

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, roseleide.dantas@aluno.uece.br
[2]Graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, cecilia.acselrad@aluno.uece.br
[3]Professora Especializada em Alfabetização de crianças e Multiletramentos da Prefeitura Municipal de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil, venythyais.costa@educacao.fortaleza.ce.gov.br
[4]Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, tania.azul@uece.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo socializar e analisar práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizadas com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Fortaleza, a partir de uma perspectiva afroreferencial. Trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa, construído com base nas vivências pedagógicas desenvolvidas em uma escola pública. A produção dos dados ocorreu por meio da observação participante, anotações reflexivas e análise das produções das crianças, considerando o envolvimento, a participação e os avanços no processo de aprendizagem. As atividades foram planejadas com o objetivo de valorizar a identidade negra, promover o respeito às diferenças e articular o processo de alfabetização com a educação antirracista, em consonância com a Lei nº 10.639/2003 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As experiências incluíram a leitura e interpretação do livro Amoras, de Emicida; o estudo de personalidades históricas negras, com a construção de crachás e produções escritas; e a contação de histórias por meio de teatro de sombras, baseada no livro Cinderela e o baile dela, de Janaina Tokitaka. Os resultados evidenciam o engajamento das crianças nas atividades propostas, bem como avanços significativos no processo de alfabetização. Destaca-se, ainda, a relevância de práticas pedagógicas que integrem cultura, identidade e aprendizagem significativa desde os anos iniciais, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

Palavras-chave: PIBID; Educação antirracista; Afroreferencialidade; Alfabetização.

Introdução

A escola ocupa um papel central na formação social, cultural e identitária das crianças, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, torna-se fundamental o desenvolvimento de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade étnico-racial presente na sociedade brasileira, rompendo com perspectivas eurocêntricas ainda predominantes no currículo escolar.

A educação afroreferenciada surge como uma possibilidade pedagógica potente para a construção de uma escola mais inclusiva e antirracista, ao valorizar saberes, histórias e produções culturais negras. Amparada pela Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, e pela BNCC, que orienta o trabalho com a diversidade e o respeito às diferenças, essa abordagem contribui tanto para a aprendizagem dos conteúdos escolares quanto para a formação cidadã dos estudantes. De acordo com Gomes (2005), a educação das relações étnico-raciais deve promover práticas pedagógicas que reconheçam positivamente a identidade negra, rompendo com estigmas, silenciamentos e ausências históricas no currículo escolar.

Nesse sentido, a perspectiva afroreferencial constitui-se como uma abordagem pedagógica que toma as culturas, histórias, saberes e experiências negras como referências centrais no processo educativo. Segundo Silva (2019), trabalhar a afroreferencialidade na escola não se limita à inserção pontual de conteúdos, mas implica repensar práticas, materiais didáticos e relações pedagógicas, de modo a garantir representatividade e pertencimento aos estudantes negros desde a infância.

Paulo Freire (2022) contribui significativamente para essa discussão ao defender uma educação libertadora, pautada no diálogo, no respeito aos saberes dos educandos e na leitura crítica do mundo. Para o autor, ensinar exige reconhecer a identidade cultural dos sujeitos e compreender que a educação é um ato político. Nessa mesma perspectiva, bell hooks (2013) enfatiza a educação como prática de liberdade, destacando a importância de uma pedagogia engajada, crítica e afetiva, que valorize as experiências e as vozes historicamente

marginalizadas. Assim, práticas pedagógicas afroreferenciadas dialogam diretamente com a pedagogia freireana, ao valorizarem a cultura dos estudantes e promoverem uma aprendizagem significativa e emancipatória.

No campo da alfabetização, Ferreiro e Teberosky (1999) evidenciam que as crianças constroem hipóteses sobre a escrita a partir de suas interações com o meio social. Dessa forma, atividades que respeitam os diferentes níveis de desenvolvimento e que promova a inclusão e o avanço no processo de aprendizagem. Quando articuladas a conteúdos culturalmente significativos, como a história e a cultura afro-brasileira, essas práticas tornam-se ainda mais potentes.

O estudo caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, desenvolvido a partir das vivências pedagógicas realizadas durante a atuação no PIBID em uma escola pública, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. As atividades foram planejadas de forma interdisciplinar, envolvendo as áreas de Língua Portuguesa, História e Arte, e desenvolvidas por meio de metodologias ativas, como rodas de conversa, contação de histórias, produção de desenhos, escrita espontânea e atividades diferenciadas conforme as hipóteses de escrita das crianças (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética). Os registros das experiências ocorreram por meio da observação participante, anotações reflexivas e análise das produções das crianças, considerando o envolvimento, a participação e os avanços no processo de aprendizagem.

Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar e refletir sobre práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito do PIBID, com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Fortaleza, que articularam alfabetização, literatura infantil, artes e história a partir de uma perspectiva afroreferencial[1].

[1]A perspectiva afroreferencial valoriza os saberes, as culturas e as experiências das populações negras e africanas como formas importantes de conhecimento. Ela questiona a ideia de que apenas a visão europeia é válida, mostrando que existem outras maneiras de entender o mundo. Nesse sentido, reconhece práticas culturais, vivências e expressões negras como fundamentais na construção da identidade, do aprendizado e da produção de conhecimento.

1. Amoras, de Emicida: identidade, literatura e educação antirracista

A atividade desenvolvida a partir do livro Amoras, de Emicida, constituiu-se como uma prática pedagógica afroreferencial ao colocar a identidade negra no centro do processo educativo desde o 1º ano do Ensino Fundamental. A escolha da obra dialoga diretamente com a educação das relações étnico-raciais, conforme orienta a Lei nº 10.639/2003, ao apresentar às crianças uma narrativa que valoriza a cor da pele negra de forma positiva e afetiva.

A atividade foi organizada em dois momentos. No primeiro, realizou-se a contação da história, mediada por perguntas problematizadoras, tais como: "Quem gosta de amoras?", "Por que o cabelo da personagem é comparado a nuvens?" e "Vocês sabem quem foi Martin Luther King?". Essas questões possibilitaram a participação ativa das crianças, que responderam de forma espontânea, permitindo que a narrativa fosse construída de maneira dialógica e interativa. No segundo momento, as crianças receberam lápis de cor em diferentes tons de pele e foram convidadas a representar, por meio do desenho, os elementos da história que mais lhes chamaram a atenção.

Durante a contação da história, o uso de perguntas problematizadoras favoreceu uma prática dialógica, conforme defendido por Freire (2022), ao reconhecer as crianças como sujeitos ativos do processo de aprendizagem. Ao questionar preferências, percepções e sentidos atribuídos à cor das amoras, abriu-se espaço para que as crianças expressassem ideias, sentimentos e compreensões sobre si mesmas e sobre o outro, promovendo a construção da autoestima e do respeito às diferenças.

A etapa do desenho possibilitou que as crianças elaborassem simbolicamente a narrativa, articulando linguagem verbal e não verbal. Segundo Abramovich (1997), a literatura infantil permite à criança compreender o mundo e a si mesma, especialmente quando se reconhece nas histórias apresentadas. Assim, ao utilizar diferentes cores de lápis de pele e incentivar representações diversas, a atividade contribuiu para a valorização da diversidade étnico-racial e para a construção de referências positivas de negritude.



Fonte: acervo das pesquisadoras

2. Personalidades históricas negras: representatividade e construção de sentidos históricos

A aula abordou as personalidades negras que marcaram a história e contribuíram para a luta por igualdade e representatividade. Apresentamos figuras como Pelé, Iza, Nelson Mandela, Rebeca Andrade e Pantera Negra, além de Dandara, Zumbi dos Palmares, Carolina Maria de Jesus e Tia Ciata. Em roda de conversa, refletimos com as crianças sobre a importância dessas pessoas, suas histórias e a representatividade negra. Em seguida, elas desenharam, em seus cadernos de desenho, a personalidade que mais as inspirou, e os trabalhos foram expostos na sala.

O trabalho com personalidades históricas negras, integrando Arte, História e Língua Portuguesa, reforçou a perspectiva afroreferencial ao romper com a invisibilização histórica da população negra no currículo escolar. A apresentação de figuras como Dandara, Zumbi dos Palmares, Carolina Maria de Jesus, Tia Ciata, entre outras, possibilitou às crianças o contato com trajetórias de resistência, protagonismo e produção cultural negra.

A roda de conversa inicial dialoga com a concepção freireana de educação como prática social e coletiva, na qual o conhecimento é construído a partir da troca de saberes. Gomes (2005) destaca que a educação antirracista exige práticas que promovam o reconhecimento positivo da identidade negra, e esse momento favoreceu exatamente esse reconhecimento ao

permitir que as crianças refletissem sobre quem são essas pessoas e por que são importantes. A atividade de desenho da personalidade que mais inspirou cada criança fortaleceu o vínculo afetivo com os personagens históricos, ampliando a compreensão de que pessoas negras ocupam e ocuparam lugares de destaque na sociedade. Essa prática contribui para a formação de uma consciência histórica inicial e para a desconstrução de estereótipos raciais desde a infância.



Fonte: acervo das pesquisadoras

3. Produção escrita com crachás: alfabetização em uma perspectiva afroreferenciada

Essa atividade teve como tema a produção de escrita sobre figuras históricas negras, articulando as áreas de Língua Portuguesa e História. A proposta integrou o trabalho sobre consciência fonológica, produção textual e valorização da cultura afro-brasileira. O objetivo central da aula foi retomar com os estudantes os conhecimentos previamente estudados sobre personalidades negras importantes para a história do Brasil, identificando suas imagens e seus nomes, ao mesmo tempo em que cada criança produziu uma escrita compatível com seu nível de desenvolvimento, seja pré-silábico, silábico, silábico-alfabético ou alfabético.

A aula teve início com um acolhimento em forma de círculo de conversa, no qual as crianças foram convidadas a recordar as histórias dos personagens negros já estudados. Em um diálogo aberto, foram levantadas perguntas como “Quem lembra da história de…?” e “O que essa pessoa fez de importante?”, estimulando as crianças a compartilharem informações que já conheciam. As imagens dos personagens foram apresentadas novamente para reforçar

características e feitos de cada um, conectando a memória afetiva à atividade de escrita que seria realizada.

Em seguida, iniciou-se a construção dos crachás, que representou o momento principal da proposta. Cada criança recebeu um cartão contendo a foto de uma personalidade histórica negra. Na frente do crachá, a tarefa era escrever o nome da personalidade de acordo com o nível de escrita de cada criança; no verso, cada um deveria registrar uma frase simples relacionada ao personagem, como “Zumbi foi corajoso” ou “Dandara lutou pela liberdade”. Para garantir a participação de todos, a atividade foi diferenciada conforme as hipóteses de escrita identificadas na turma.

As crianças alfabéticas escreveram o nome completo sem apoio e produziram a frase com maior autonomia. As crianças silábico-alfabéticas receberam o nome com algumas letras faltando e completaram com base nos sons que já reconhecem, utilizando ainda palavras-chave expostas no quadro para estruturar a frase. Para os estudantes silábicos, foram entregues nomes com apenas as consoantes, cabendo a eles completar as vogais, e a frase foi realizada por meio da cópia de um modelo coletivo. Já as crianças pré-silábicas participaram por meio de traçado guiado, cobrindo o nome tracejado do personagem, e no verso copiaram uma palavra de significado relevante, acompanhada de apoio visual.

A construção dos crachás com imagens e nomes de personalidades negras articulou o processo de alfabetização ao trabalho com a história e a cultura afro-brasileira. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), a criança constrói hipóteses sobre a escrita a partir de interações significativas com a linguagem escrita. Ao trabalhar com nomes próprios e frases relacionadas a personagens relevantes, a escrita deixou de ser um exercício mecânico e passou a ter sentido social e cultural.

A diferenciação das atividades conforme as hipóteses de escrita, garantiu a participação de todos os estudantes, respeitando seus tempos e processos de aprendizagem. Essa prática inclusiva reforça a compreensão de que alfabetizar é considerar o sujeito em sua integralidade, princípio que se alinha tanto às contribuições de Ferreiro quanto à perspectiva freireana de educação humanizadora.

A aula mostrou-se muito significativa por integrar alfabetização e história de maneira contextualizada. As crianças demonstraram interesse, envolvimento e respeito ao trabalhar com personalidades negras, valorizando a representatividade e compreendendo a importância dessas personalidades na formação da história brasileira. A diferenciação das atividades garantiu inclusão, permitindo que cada estudante participasse plenamente dentro de suas possibilidades. Observou-se também avanço na consciência fonológica, na escrita de nomes e na construção de frases simples. A proposta contribuiu tanto para o desenvolvimento das habilidades previstas na BNCC quanto para a formação cidadã dos estudantes, reforçando o compromisso da escola com a diversidade e a educação antirracista.



Fonte: acervo das pesquisadoras

4. Teatro de sombras com Cinderela e o baile dela: arte, escuta e ressignificação de narrativas

Essa atividade foi desenvolvida a partir do livro Cinderela e o baile dela, da autora Janaina Tokitaka, que apresenta uma releitura do conto clássico sob uma perspectiva distinta da versão tradicional. Na obra, a personagem Cinderela é representada como uma protagonista negra e a narrativa propõe um desfecho baseado no diálogo, no perdão e na convivência coletiva, uma vez que, ao final da história, as irmãs reconhecem seus erros e passam a viver juntas.

A contação da história ocorreu por meio de um teatro de sombras, para o qual foram confeccionados fantoches e organizado um espaço específico na sala de aula, possibilitando a

encenação da narrativa. Durante a apresentação, observou-se grande entusiasmo e curiosidade por parte das crianças, sobretudo por se tratar de uma experiência inédita para a turma. Esse envolvimento se manifestou por meio de perguntas e comentários espontâneos, evidenciando o interesse e a atenção dedicados ao desenvolvimento da história. Após a encenação, as crianças foram convidadas a realizar registros por meio do desenho, representando aspectos da história que mais lhes chamaram a atenção.

O teatro de sombras realizado a partir do livro Cinderela e o baile dela, ampliou as possibilidades pedagógicas ao integrar literatura, arte e educação antirracista. A releitura do conto clássico, com uma protagonista negra e uma narrativa baseada no perdão e na coletividade, contribui para a ressignificação de histórias tradicionalmente marcadas por padrões eurocêntricos.

A utilização do teatro de sombras despertou o interesse e a curiosidade das crianças, favorecendo a escuta atenta e a participação ativa. Segundo Freire (2022), a aprendizagem ocorre de forma mais significativa quando o estudante se envolve e se reconhece no processo.

A experiência estética proporcionada pelo teatro possibilitou novas formas de interação com a narrativa, fortalecendo a imaginação e a sensibilidade. O momento posterior de desenho permitiu que as crianças expressassem suas interpretações da história, reforçando a compreensão de que diferentes linguagens são fundamentais no processo de aprendizagem infantil. Essa prática reafirma a importância da arte como linguagem educativa e como meio de valorização da diversidade cultural.



Fonte: acervo das pesquisadoras

Considerações finais

Considerando-se o papel central da escola na formação socio-cultural e identitária das crianças, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o presente artigo procurou demonstrar a importância das práticas pedagógicas libertadoras, que reconheçam e valorizem a diversidade étnico-racial.

As crianças se engajaram de forma participativa, reflexiva e crítica nas atividades a partir da ludicidade e da arte. Cada atividade realizada com as crianças focou em diferentes aspectos tais como: a imaginação, autonomia, a escuta ativa de cada um e a construção do pensamento e da linguagem sobre os valores éticos que precisamos ter em sociedade.

Ao articular oralidade, escrita, desenho e dramatização, as práticas possibilitaram que os estudantes participassem ativamente do processo de aprendizagem, atribuindo sentido às atividades propostas. As experiências reafirmaram a importância de uma postura docente investigativa e reflexiva, especialmente no âmbito da formação inicial, ao evidenciar que a prática pedagógica exige planejamento, fundamentação teórica e sensibilidade para dialogar com as especificidades do grupo.

A inserção de práticas dialógicas e estéticas, como a roda de conversa, a escrita espontâneas e o teatro de sombras, demonstrou que a aprendizagem se fortalece quando a criança se reconhece nas narrativas e quando diferentes linguagens são mobilizadas no processo educativo.

Conclui-se, portanto, que a inserção intencional de abordagens afroreferenciadas no cotidiano escolar contribui de modo significativo para a consolidação de uma prática pedagógica inclusiva, equitativa e socialmente comprometida. Ao integrar alfabetização, literatura e representatividade negra, a escola fortalece sua função social de formar cidadãos sensíveis à diversidade e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa desde a infância.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1989.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

EMICIDA. Amoras. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das relações étnico-raciais: desafios e possibilidades. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2019.

TOKITAKA, Janaina. Cinderela e o baile dela. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.